

Fake on you

Já lá vai o tempo em que, uma vez por ano, nos divertíamos a contar uma mentira, uma história divertida e engraçada, para no dia seguinte fazer-se um desmentido oficial. Em *Fake*, com encenação de Miguel Fragata, que assina também o texto com Inês Barahona, há um diálogo permanente com uma contemporaneidade rendida à ideia de mentira, de manipulação. Quase se pode dizer que se está perante uma nova actividade económica, bastante lucrativa, aliás, e com efeitos que podem ser devastadores.

Aos criadores de *Fake*, a frase de Alain de Botton serviu de inspiração primeira: “Devíamos estar tão alerta para os clichés dos média como estava Flaubert para os clichés literários. Estes últimos arruinam romances; os primeiros podem arruinar nações”. Este jogo de ambiguidade entre o falso e o verdadeiro não é novo, descobriam-lo já na antiguidade, no dia-a-dia, na literatura (lembre-se, por

exemplo, o enredo de *Hipólito*, de Eurípidas, peça de abertura do Festival de Almada, e observe-se, com assombro, o impacto que a mentira tem na vida do protagonista.

Fake promove uma reflexão sobre o teatro dentro do teatro, enquanto encenação das nossas próprias vidas e da dos próprios actores; ténue e desbotada é, afinal, a linha que divide um e outro domínio. Quem sobe ao palco representa sempre um outro, no espectáculo cénico, mas quando, numa dobra de sentido, o outro que o actor assume vai desaguar em si mesmo? É esta a questão que a peça implicitamente coloca, mesmo quando se convoca o cinema para o seio do espectáculo: segundo os autores, “a câmara assume o papel de um polígrafo implacável, procurando distinguir um bom actor de um mau mentiroso, num derradeiro *close-up*”. No palco, em *Fake*, encontramos a angústia de um papel representado que mescla ficção (essa palavra ambígua



Fake, de Miguel Fragata e Inês Barahona, está em cena no Fórum Romeu Correia até ao dia 18.

que significa fingir na sua origem) e realidade: quase como instinto de sobrevivência, somos levados a representar a vida dos outros, mesmo antes de subir à cena.

Em *Fake*, é levado para o palco um desconforto que nos remete

para fora de cena, fora do teatro: o espectador simultaneamente vê, sim, mas sabe-se também visto, convocando todo um universo reconhecível, mas preocupante, que vai de George Orwell a Margaret Atwood. | Pedro Barros

O tempo da poesia

Quando partilhamos reflexão partilhamos vida, quando partilhamos vida partilhamos tempo. Partilhámos reflexão, vida e tempo. Tal como Wittgenstein deixou a sua obra aberta, também estes encontros deixam as suas marcas como um processo que não terminará nunca. Os processos artísticos, quando aliados à vida, são desenvolvimentos que podem mesmo continuar depois da morte. Não será por acaso que continuamos a criar diálogos com obras ou autores com já alguns milhares de anos. Ao quinto dia, Josef Nadj mostra-nos um dos seus

processos de composição, sempre com uma base fortemente teórica, alicerçada em conhecimentos filosóficos altamente históricos. Coreografias conceptuais, individuais, começam a surgir, fazendo como que uma resolução de todas as matérias discutidas ao longo destes encontros. Estamos na presença de alguém especial, todos sentimos isso. Não um mestre, mas um discípulo de um conhecimento maior. Um criador. E quando observamos a matéria criadora a surgir não conseguimos esconder um certo deslumbramento. Uma vez li que não se devia falar de es-



O oitavo volume da colecção *O sentido dos Mestres* será publicado em Março

tilo, cada criador teria uma poética. A poética. Gosto deste conceito. Se o simplificar ou se o abrir posso começar na ramificação da poesia. A poesia tem um tempo seu. Tem uma condensação sua. Tem um absoluto seu. Tem uma intimidade

sua. Tem uma linguagem sua. Tem um Universo seu. Tantas outras coisas. Andamos atrás dela, da poesia. Sôfregos de absolutos. Vamos humildemente procurando o nosso caminho. Estou ansioso por começar a fazer livro. | Pedro Fiuzza

50 ANOS DE PLATEIA

Os artistas tão perto



Joaquim do Carmo, 42 anos de plateia

Na minha juventude participei nas colectividades da Cova da Piedade, onde se desenvolviam actividades culturais na

área da música, das bibliotecas e do teatro amador. Aquando da instalação do Grupo de Campolide na Academia Almadense, passei a frequentar todos os espectáculos do Grupo, e a participar em debates e colóquios sobre as peças com o Joaquim Benite, com quem aprendi muito.

Da minha ligação com o Grupo, comecei a mobilizar trabalhadores da Lisnave, onde trabalhava, para irem ao teatro.

Achámos que era interessante levar artistas à Lisnave. A convite da Comissão de trabalhadores, vários artistas, nomeadamente, o António Assunção e o Canto e Castro, lá estiveram para falar dos espectáculos. Foi muito interessante porque eles eram pessoas divertidas e os trabalhadores ficavam fascinados por ter os artistas tão perto.

O Joaquim Benite era uma pessoa de convicções muito firmes

e foi bom ver a ascensão do conjunto de jovens que ele convidou para participar no teatro, ainda na Academia. Lembro-me de alguns deles, tais como o Vitor Gonçalves e o Miguel Martins.

A seguir à Academia, a Companhia foi para o espaço do Centro Cultural, na Almada Velha, depois das instalações serem adaptadas para espectáculos de teatro. Mas o Joaquim nunca desistia e queria sempre mais. Com a sua insistência junto das autoridades municipais e governamentais, e já com o Teatro Azul em mente.

Acompanhei tudo isto e estou convencido que sem o Joaquim Benite, sem uma pessoa com aquele espírito, com aquela vontade que ele imprimia, não era possível esta notável obra que temos em Almada, o Teatro Azul. Se a memória não me falha, penso que vi todos os espectáculos da Companhia e estive em todos os festivais.

Rebota Rebota... e depois queixem-se



Ri-te, ri-te que logo choras está em cena até domingo no Teatro da Academia Almadense

Um ano depois de ter sido escolhido como Espectáculo de Honra desta edição, *Rebota Rebota y en Tu Cara Explota* volta ao Festival de Almada. E esta quarta-feira Agnés Mateus e Quim Tarrida, criadores do espectáculo, passaram pelas Conversas na Esplanada para explicar como o seu segundo trabalho teatral em parceria prolonga um interesse por trabalhar a violência em palco. A violência, neste caso, é a violência de género, consequência de uma sociedade patriarcal e de uma cultura popular que, das canções *pop* aos filmes *Disney*, conduz em casos mais extremos ao femicídio. Agnés e Quim contaram como recorrem ao humor para baixar as defesas do público e, só depois,

despejarem todo o conteúdo mais chocante e revoltante desta temática. Partilharam a sua preocupação em não deixar que os nomes das vítimas sejam esquecidos e apagados da vida colectiva, e expressaram a sua inquietação com o "poder estratosférico do Estado e do capitalismo". Porque num mundo em que o feminismo rapidamente é transformado em iconografia e vê o seu discurso esvaziado por uma apropriação capitalista, é preciso continuar a chamar os bois pelos nomes. E a recusar o silêncio mesmo quando o Estado prefere assobiar para o lado. O teatro, pelo menos o de Agnés e Quim, também está cá para isso – para exigirmos e sermos a mudança. | **Gonçalo Frota**

Miguel Fragata amanhã na Esplanada, às 18h

A terminar mais uma semana de colóquios, vamos ter na Esplanada da Escola D. António da Costa, o encenador de *Fake*, uma produção da Formiga Atómica em co-produção com o TNDMII, TNSJ e Cine-Teatro Louletano. O espectáculo entra hoje em cena e pode ser visto até domingo. Ao contrário do anunciado, Inês Barahona não poderá estar presente na conversa.

AGENDA DE AMANHÃ

18:00

Conversa com Miguel Fragata
Esplanada do Festival

20:30

Um gajo nunca mais é a mesma coisa
Sala Experimental do TMJB

20:30

O canto do cisne
Sala Principal do TMJB

20:30

Fake
Fórum Romeu Correia

20:30

Discurso sobre o filho-da-puta
Teatro-Estúdio
António Assunção

20:30

Rebota rebota y en tu cara explota
Academia Almadense

20:30

A Lua vem da Ásia
Incrível Almadense



HOJE
Roti de porco
Caril de salmão

AMANHÃ
Fusili com salsicha picante
Salada de feijão frade

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada